

Tatiana Tîbuleac

O verão em que a minha  
mãe teve os olhos verdes



Tradução de Rui Pires Cabral



Naquela manhã em que a odiava mais do que nunca, a minha mãe fazia trinta e nove anos. Era baixa e gorda, estúpida e feia. Era a mãe mais inútil que jamais existira. Observava-a da janela enquanto ela me esperava junto ao portão da escola como uma mendiga. Se pudesse matá-la com o pensamento, não hesitaria. Silenciosos e assustados, os outros pais passavam por mim uns atrás dos outros. Uma triste enfiada de pérolas falsas e gravatas baratas, vinda buscar os filhos problemáticos, escondidos das vistas do mundo. Pelo menos tinham-se dado ao incómodo de entrar. A minha mãe pouco se ralava comigo, ou com o facto de eu ter conseguido terminar os estudos.

Deixei-a sofrer durante quase uma hora. Reparei que, de início, parecia irritada, cirandando para trás e para diante ao longo da vedação, mas por fim deixou-se ficar imóvel, à beira das lágrimas, como a vítima de uma injustiça.

Mas nem assim desci ao encontro dela. Encostei a cara ao vidro e fiquei ali a fitá-la, até todos os outros alunos terem saído: incluindo o Mars, na sua cadeira de rodas, e incluindo os órfãos, aos quais aguardavam as drogas e os orfanatos do outro lado da porta.

O Jim, o meu melhor amigo, acenou-me e recomendou-me, aos berros, que não me matasse durante o verão. Estava com os pais, que só não o vendiam para doação

de órgãos porque receavam cair nas bocas do mundo. A mãe dele, linda e de faces rosadas, soltou uma sonora gargalhada, erguendo o queixo e sacudindo a cabeleira escadeada. A nossa tutora psicótica e o professor de Matemática também se riram, assim como a diretora... a única pessoa normal da escola. Na verdade, desatámos todos a rir daquela excelente piada. Não havia necessidade de fingir, pois só estávamos ali nós.

Além disso, sendo o último dia de aulas, os professores riam-se por tudo e por nada, felizes por nos verem pelas costas. Se não para sempre, pelo menos até ao final do verão; entretanto, metade deles tentaria arranjar outro emprego. Aqueles que o conseguissem, desapareceriam sem deixar rasto. Os menos afortunados, porém, eram obrigados a regressar a cada outono para aturar os mesmos alunos endemoninhados que detestavam e temiam. Descolei a cara da janela como um autocolante usado. Estava finalmente livre, mas o meu futuro fazia-me pensar na solenidade de um bonito cemitério.

Comecei a descer as escadas lentamente. No segundo andar, junto ao gabinete da psiquiatra, parei uns momentos para rascar na parede, com a ponta da chave, a palavra «PUTA». Se alguém me tivesse apanhado, ter-lhe-ia dito que era apenas um gesto de agradecimento por todos aqueles anos de terapia. Mas os corredores estavam desertos, como depois de um terramoto. Naquela escola, nem as doenças infecciosas se demoravam muito tempo.

No piso térreo, como um dejecto de cão, estava o Kalo — o meu segundo melhor amigo — a fumar um cigarro enquanto esperava por uma tia afastada que o levaria a passar uma semana com ela. A mãe do Kalo estava em Espanha a fazer massagens a um oligarca russo — esta era

a versão dela, claro. À exceção do próprio Kalo, todos sabiam o que a mãe dele fazia na vida, mas ninguém dizia nada, porque ele era bom rapaz. Era mesmo. Um pouco lerdo, mas bom rapaz.

Perguntei-lhe o que ia fazer depois de estar com a tia e antes de ir para Amesterdão e ele disse-me que não ia fazer nada. Como todos nós, aliás. Nós, os anormais, nunca fazíamos nada. Durante os anos que passei naquela escola, nunca ouvi um único colega a gabar-se de ter tido férias. Era como se, além de doidos, fôssemos leprosos. Já não era nada mau que nos deixassem passar os verões sem trela nem açaima. Porque haviam de gastar mais dinheiro connosco? Senti nojo do Kalo, do Jim, de mim próprio. Éramos excrescências humanas — pólipos e quistos, e ainda por cima já extirpados —, embora fingíssemos ser rins ou corações. Sempre gostei de anatomia. Um interesse que certamente herdei da minha mãe, que devia ter sido professora de Biologia, mas acabou como empregada de loja. Do meu pai não herdei nada.

Fumei um cigarro com o Kalo, porque percebi que ele estava triste e procurava evitar o meu olhar. Lembrei-me então de que ele tinha uma irmã mais velha, casada com um agricultor na Irlanda. Perguntei-lhe porque não passava uma semana com ela, em vez de ir com a velha tia. Respondeu-me como se eu fosse idiota: sim, claro que passaria uma semana com a irmã — ela até já tinha enviado uma limusina a buscá-lo, pois estava mortinha por passar o verão a tomar conta daquele destrambelhado. Despedi-me dele com um piparote na testa e disse-lhe que nos veríamos dali a duas semanas na estação de comboios e que não gastasse o dinheiro todo. O Kalo respondeu-me simplesmente que lá estaria.

Assim que me viu, a minha mãe disse-me, aos berros, que me despachasse, pois não tinha moedas para o par-cómetro. Acendi outro cigarro e entrei no carro a fumar. «Andas outra vez a fumar erva, andas outra vez a fumar erva», ouvi-a dizer, sem lhe ligar nenhuma. Baixei o vidro e lancei uma cuspidela contra o portão. A escola começou a ficar para trás, juntamente com os sete anos que ali desperdicei estupidamente, como num jogo de azar. Nada tinha mudado. A Mika continuava morta e eu com ganas de bater em toda a gente.

Além dos seus outros defeitos, a minha mãe estava sempre ofuscantemente branca, como se antes de dormir descascasse a própria pele e a deixasse de molho numa banheira cheia de natas. A pele dela não tinha rugas nem verrugas. Não tinha cheiro, nem pelos, nem quaisquer outros sinais comuns. Por vezes, perguntava-me se ela não seria apenas um pedaço de massa lêveda.

Do seu peito, sob os sovacos, brotavam dois seios semelhantes a bolas de rãguebi, apontados em direções opostas, e cobria-lhe o crânio uma cabeleira de boneca que usava sempre entrançada em forma de cauda de sereia. Aquela cauda de sereia tirava-me do sério; porém, era o tema de conversa preferido entre os meus colegas.

«Sereia no cio», era o que todos eles lhe chamavam, entre gargalhadas, quando ela me vinha buscar à escola. O meu pai chamava-lhe «vaca estúpida» — e a nova mulher dele, «*kielbasa*».<sup>1</sup> Só eu era obrigado a tratá-la por «mamã».

Até hoje, em que sou quase da mesma idade que ela tinha naquele verão, nunca conheci uma mulher tão mal-vestida. Nem mesmo durante aqueles dois anos em que, pouco depois do acidente, vivi perto de uma fábrica de processamento de peixe no norte de França. Imaginem mais

---

<sup>1</sup> «Salsicha», em polaco. (*N. do T.*)

de uma centena de mulheres feias a arranjarem-se todos os dias para matar caranguejos, gambas, camarões e outros animalejos do género. Pois a minha mãe vestia-se ainda pior. Era ainda mais feia. Tinha calças, blusas e roupa interior ainda mais horríveis do que toda a fábrica, todas as trabalhadoras e todos os imundos crustáceos juntos.

Se pudesse, tê-la-ia trocado em dois segundos por qualquer outra mãe do mundo. Mesmo que fosse uma bêbada, mesmo que me batesse todos os dias. Teria podido suportar em privado as bebedeiras e as sovas, ao passo que a fealdade e a cauda de sereia dela estavam à vista de toda a gente. À vista dos meus colegas de turma, dos meus professores e dos vizinhos do bairro. E, pior ainda, à vista da Jude também.

Por vezes, quando regressávamos a pé da escola — eu sem dar um pio durante todo o caminho e ela a dizer disparates atrás de disparates —, achava-a insuportável. Tinha vontade de a meter na máquina de lavar e de ligar o programa de esaldar lençóis. De a trancar no congelador até a fazer em frangalhos. De a irradiar. Nesses momentos, quando pensava nas caras torcidas de riso dos meus colegas, ou na expressão lânguida da Jude a saborear as suas piadas porcadas, desejava que a minha mãe morresse.

Sabia que toda a gente se ria de mim. Que os rapazes cuspiam no chão quando eu passava por eles, que a Jude me desprezava. Que eu era um zero à esquerda e que mais me valia afogar-me ou enforcar-me de uma vez por todas, ou dar um tiro na cabeça, ou outra coisa qualquer. Porque qualquer outra coisa seria melhor do que aquilo que eu era: o fruto repulsivo de uma mulher de pele leitosa.

No contributo do meu pai não queria sequer pensar. Lembrar-me dele dava-me vômitos. O meu pai tinha abandonado a minha mãe, trocando-a por uma polaca com um *piercing* na língua. Divorciou-se dela porque, se a tivesse matado — que era o que teria preferido, e a solução mais rápida —, o mais certo seria acabar na cadeia. E também me teria matado a mim, se não estivesse convencido de que eu morreria em breve.

O divórcio foi rápido, e ele saiu por cima. Mas a minha mãe, burra como era, achou que tinha ganhado. Passou uma semana ao telefone com a única amiga, outra vendedora, para lhe contar como tinha destruído aquele idiota, pois conseguira ficar com a guarda do filho. Só a minha avó compreendeu o peso da derrota, mas preferiu nada dizer à minha mãe sobre o assunto. «Deixa-a lá», disse-me, «porque assim, pelo menos, tem um motivo de alegria.»

Nem quero pensar na alegria do meu pai ao ouvir a sentença do juiz. Deve ter ficado doido de felicidade. Livrar-se de uma só vez de duas criaturas por cuja morte teria dado bom dinheiro era realmente um grande golpe de sorte, mesmo para um camionista.

Assim estava a minha mãe naquela manhã em que fez trinta e nove anos.

Se eu pudesse, tê-la-ia deitado ao lixo, a começar pelo penteado. Em toda esta história, uma só coisa destoava: os olhos. Ela tinha uns olhos verdes tão bonitos, que era um absurdo desperdiçá-los num rosto de massa crua como o dela.

Os olhos da minha mãe eram um absurdo

Assim que chegámos a casa, meti-me no meu quarto. Achei estranho que a minha mãe não tivesse aberto a boca durante todo o caminho, mas imaginei que fosse por causa da avó, que tinha sido hospitalizada na noite anterior. Para celebrar o dia do seu nascimento, a minha mãe tinha feito uma tarte de leite-creme e comprado dez garrafas de cerveja. Disse-lhe, com uma certa satisfação, que não lhe tinha comprado nenhum presente. Ela respondeu que não fazia mal. Invejava a sua capacidade de ignorar o óbvio. Eu odiava-a, o meu pai odiava-a, a sua única amiga odiava-a. A Mika estava morta. E, mesmo assim, vejam bem, ela tinha feito uma tarte e comprado cerveja. Se ao menos a avó estivesse em casa... mas não, nem isso. De modo que ninguém, absolutamente ninguém em todo o universo, se preocupava minimamente com ela, com o seu aniversário ou, diga-se de passagem, com a sua existência.

Pus-me a contar o dinheiro para a minha viagem a Amesterdão — contava-o todos os dias, como se isto pudesse fazê-lo aumentar. O dinheiro estava ali todo, embora fosse muito menos do que eu gostaria. Não podia roubar nem mais um cêntimo à avó porque ela tinha mudado a fechadura do cofre, e provavelmente também o esconderijo do mesmo, e já me tinha dito claramente que

não tencionava financiar sexo e drogas. Enquanto ponderava outras possibilidades — todas elas repreensíveis —, a minha mãe bateu à porta do quarto para me avisar de que o almoço estava pronto. Respondi-lhe que me deixasse em paz, que não tinha fome, mas ela insistiu, aos berros, dizendo-me que havia maçãs assadas.

Era essa a principal característica da minha mãe: sabia dar graxa às pessoas. Além disso, aquela sua cara de néscia tinha sempre uma expressão de assombro infantil que desarmava qualquer um, o que durante anos lhe permitiu vender toneladas de comida barata a preços exorbitantes. Acedi, claro está. As maçãs assadas eram a minha fraqueza.

A mesa do banquete fazia pensar num aterro enfeitado com uma grinalda. Sobre uma toalha de oleado com papoilas estampadas — a loja da avó tinha acabado de receber novidades —, a minha mãe dispusera todo o tipo de comestíveis repelentes: paté de fígado de peixe, pickles de pepino, salsichão seco com pedaços de toucinho, asas de frango cozidas com maionese, arenques em vinagre... ou seja, todos os seus pratos favoritos. Era evidente que tinha passado pela Kalinka — a loja de produtos russos onde trabalhava a amiga dela, a Kasza — e se tinha dado ao luxo de comprar uma garrafa de *vodka*.

Ao centro havia um prato com maçãs assadas e um frasco de três litros de compota de pêsego, para mim. As maçãs estavam deliciosas. Comi quatro. A compota tinha sido feita pela avó; portanto, o mérito não era dela. Não toquei no resto.

Fiquei à mesa muito mais tempo do que tinha previsto. Mas achei estranho que a minha mãe não tivesse recebido um único presente. Não porque o merecesse, mas porque ela era sempre muito atenciosa com as outras

pessoas, gostava de oferecer belos ramos de flores e coisas caras, até mesmo aos parentes idiotas do meu pai. Aquilo parecia um velório.

Uma vez mais, pôs-se a dizer disparates sobre assuntos que eu não compreendia: os direitos dos imigrantes, a reencarnação, as energias renováveis. Apetecia-me morder-lhe a língua, ou arrancar-lha e metê-la na picadora de carne. A única forma de me acalmar era olhar pela janela, e havia já meia hora que não fazia outra coisa. Alguém tinha rebentado uma embalagem de natas junto à nossa casa e o chão estava agora salpicado de pontinhos brancos. Achei aquilo bonito: era como se tivesse nevado. Ou como se dois bonecos de neve enlouquecidos se tivessem engalfinhado até derreterem em frente à porta. Em todo o caso, era uma variação agradável. Geralmente, quando saía de manhã, só via pontas de cigarro e escarros de tuberculoso junto à casa. A avó dizia que as pessoas cuspiam com mais frequência à nossa porta porque éramos a família mais rica de Haringey. De certa forma, tinha razão — não éramos particularmente estimados no bairro —, embora a avó também não batesse bem. Para ela, qualquer pessoa que comesse salsichas era rica. Além disso, estava cega, de modo que não podíamos confiar nas suas opiniões.

A certa altura, a minha mãe começou a comportar-se de forma estranha: deixava as frases a meio e ficava em silêncio. Por fim, começou a levantar a mesa, antes mesmo de ter acabado de comer. Algo tinha mudado nela, mas eu não conseguia perceber ao certo o quê. Talvez tivesse finalmente compreendido o quão patética era toda aquela celebração forçada, com ambos a tentarmos parecer uma família feliz.

Lancei-lhe um seco «Parabéns» — que já era generosidade a mais — e levantei-me, desejoso de voltar para o quarto. Mas ela nem me ouviu. Tirou a tarte do frigorífico, que mais parecia um monte de esterco de galinha, e pediu-me que a ajudasse a soprar as velas. «Vá lá, Aleksy, faz-me a vontade, que esta pode ser a última vez», disse, com uma gargalhada. Pelo menos teve a sensatez de acender apenas uma vela, se bem que tivesse comprado quarenta, por precaução. Para o caso de uma delas ser defeituosa. Depois, a expressão dela mudou bruscamente. Disse-me que tínhamos de falar de um assunto importante.

Ao fim de quase uma hora — em que só ela falou — eu continuava sem saber o que pensar de tudo aquilo. Parecia-me evidente que ela tinha perdido o juízo. Tentei imaginar uma forma de tirar proveito da situação. Disse-lhe que ia pensar na proposta dela durante a noite e voltei a trancar-me no quarto. Na manhã seguinte, encontrei-a a dormir com a cabeça apoiada na mesa da cozinha, com um pedaço de tarte na mão e rodeada de seis garrafas vazias.

Disse-lhe que sim.

## Uma história deslumbrante, alternando entre a ferocidade e a ternura, sobre o perdão, a memória e as cicatrizes que não se podem apagar.

«A mãe parou de repente, fazendo-me parar a mim. Depois, pegou-me na mão e arrastou-me para o meio daquelas flores grandes e tristes, que nos fitavam com as suas cabeças denteadas. Eu já não era um filho, nem ela uma mãe. Éramos um mortal assustado e uma feiticeira a arrastar a sua presa para outro mundo.»

Aleksy recorda o último verão que passou com a mãe, numa pequena vila costeira no Norte de França. Passaram-se muitos anos, mas o seu psiquiatra acredita que a única solução para curar o bloqueio criativo que enfrenta como pintor é reviver as emoções que o dominaram nesse tempo longínquo: ressentimento, tristeza, raiva, saudade, abandono. Como superar o desaparecimento da pequena irmã Mika? Como perdoar a mãe, que sempre o afastou? Como encarar a doença que o consome? Esta é a história de um irrepetível verão, três meses em que mãe e filho, empurrados pela iminência da morte, finalmente depõem armas e procuram a paz, entre si e dentro de si.

Uma narrativa de uma intensidade inesquecível, tingida pela luz de um verão à beira-mar e pelas brumas da derradeira despedida. Nestas páginas, o sol aquece-nos a pele, respiramos o perfume das flores, mergulhamos no mar e emergimos reconfortados pelo amor que sempre existe entre mãe e filho.



**Prémio Cálamo ★ Prémio Observator Cultural  
Prémio da União de Escritores da Moldávia**

«Um romance breve, profundo e belo.»

*The New York Times*

«Uma revelação. Uma história de poder penetrante e beleza selvagem.»

*Le Monde*

«Uma história de vidas destroçadas, tão cruel quanto comovente.»

*El País*



Penguin  
Random House  
Grupo Editorial

[www.penguinlivros.pt](http://www.penguinlivros.pt)

f alfaguaraeditora

@penguinlivros

ISBN: 978-989-589-644-8



9 789895 896448